

III

## Armamar-Tabuaço-S. João da Pesqueira



## Itinerário III

### ARMAMAR - TABUAÇO - - S. JOÃO DA PESQUEIRA

#### Lenda da Misarela

Certo dia um pastor andava a guardar o seu rebanho, numa encosta junto de Armamar. Quando estava junto a um fragão, ouviu gemer e impressionado, perguntou:

- Ó voz que gemeis,  
quem sois? Que quereis?  
Ouviu então uma voz  
muito meiga que disse:  
- Sou uma dona encantada;  
quebrai-me o encanto  
e serei libertada.

Então, respondeu o pastor:  
- Que quereis que eu  
faça? Não sei, nem tenho  
poder para tal...

E a voz respondeu-lhe:  
- Traz uma bola de pão  
com quatro patinhas,  
neste fragão, darás três  
pancadinhas; à meia-noite,  
em ponto, põe a bola no  
chão e diz em voz alta:  
- Ó bola de pão, feita de  
farinha, passarás de uma  
bola a uma broinha, vai  
para a mourama e leva  
esta menina.

Se isto fizeres, dou-te  
o meu tesouro: pedras  
preciosas, ouro e prata.  
O pastor perguntou de novo:

- Como te chamas?  
E a voz respondeu:  
- O meu nome é  
Miserere (tende piedade  
de mim).

E desde então o local ficou  
a chamar-se Misarela,  
por que ainda hoje  
é conhecido.

J. Gonçalves Monteiro,  
Subsídios para a monografia  
do Concelho de Armamar



Armamar. Maçãs

#### Armamar

**O** foral manuelino de *Herma-mar*, de 3 de Maio de 1514, dá conta da riqueza da terra em cereais, castanhas pisadas e picadas e linho, e determina que os direitos reais fossem aí pagos a Pero da Cunha Coutinho, importante fidalgo duriense. No presente, o concelho de Armamar busca preservar o seu património. Do período medieval, o maior número de imóveis classificados concentra-se nas freguesias de Armamar, Fontelo e S. Martinho das Chãs. Além destas, cite-se o caso de Folgosa, uma vez que esta freguesia está situada a Quinta dos Frades, uma das mais antigas propriedades do Douro, fundada pela iniciativa dos poderosos conventos cistercienses da região. Neste caso particular, a quinta, importante núcleo de produção vitícola, fazia parte do património do Mosteiro de Salzedas.

Armamar, a terra natal do poeta Fausto José que foi presidente da Câmara Municipal, é também celebrada pela sua gastronomia tradicional. O prato de eleição é o sobejamente conhecido cabrito à moda de Armamar com arroz de forno; no entanto há outras iguarias típicas, igualmente deliciosas como: as falachas; o bolo podre; os bolos amarelos, o folar; o queijo de cabra e o doce de maçã, confeccionado com a fruta mais característica da região.

Armamar, como tantas outras vilas, tem uma forte tradição oral, que corre de geração em geração, perpetuando as suas lendas e memórias. Uma das mais contadas é a Lenda da Misarela, já aqui reproduzida, que deu nome a um dos dois miradouros do concelho (os miradouros da Misarela, em Armamar, e o de S. Domingos de Fontelo).

#### ► O percurso pelo concelho de Armamar deve ser iniciado em Fontelo pela EN 313.

Em Fontelo, não muito distante da ermida, no centro do povoado, deve visitar-se a capela da Senhora dos Remédios, uma capela quinhentista de raiz românica. Edificada no século XII, em forma de capela românica, esta ermida pertenceu, no século XIV, à comenda de Vila Cova à Coelheira, época em que recebeu transformações góticas.

No seu interior sobressai um túmulo manuelino e um retábulo-mor maneirista. Segundo a tradição eram aqui sepultados os defuntos da Galafura e Além-Douro.



Fontelo. Capela de Nossa Senhora dos Remédios

### I Capela de S. Domingos

Monte de S. Domingos  
Fontelo - Armamar  
**Horário**  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h00 às 18h00  
Aos Domingos das 14h30  
às 18h00  
Encerra à Segunda-feira



Capela de S. Domingos de Fontelo.  
Portal lateral



Capela de S. Domingos de Fontelo. Portal principal

No Monte de S. Domingos foi implantada em finais do período medieval uma capela do estilo gótico, localizada num promontório de onde se pode apreciar uma agradável paisagem sobre as cidades da Régua e de Lamego. Esta capela, da invocação de S. Domingos terá sido, muito provavelmente, reconstruída por vontade de D. Afonso V, na segunda metade do século XV, uma vez que este monarca parecia nutrir uma especial afeição pelo local onde terá sido concebido, com benção divina, o seu filho D. Afonso.

Conta a lenda que uma pedra propiciatória aqui existente, junto das escadas da sacristia, terá satisfeito os desejos de inúmeros casais impossibilitados de produzirem descendência. Dos mais famosos casais que a ela recorreram contam-se D. Afonso V e a sua segunda esposa, que visitaram Fontelo no último quartel de Quatrocentos, após a batalha de Toro de 1476, e o seu filho e sucessor D. João II e sua mulher D. Leonor, a protectora das Misericórdias portuguesas.

S. Domingos, o padroeiro do templo, é festejado entre 5 e 6 de Agosto, numa concorrida festa onde, tradicionalmente, os romeiros colhiam a erva de S. Domingos, que levavam consigo para suas casas ou para ser trocada entre namorados.

Da frontaria desta ermida ressalta um portal de quatro arquivoltas de arco quebrado com decoração vegetalista, sobrepujado pelas armas de Portugal. Na fachada lateral, o pórtico é composto por um arco lobulado joanino. Internamente apresenta um arco triunfal decorado por motivos vegetalistas e zoomórficos, tecto forrado a caixotões e um retábulo de talha.



Igreja matriz de Armamar. Fachada

A Igreja Matriz de Armamar está situada no coração da vila, junto ao antigo solar da família Cardoso, e dispõe de um miradouro sobre o vale do rio Temilobos. É uma igreja do século XIII, que teve origem na ermida de S. Miguel. Tornou-se sede da paróquia devido a um acontecimento tantas vezes referido na tradição oral duriense: uma praga de formigas que, segundo a tradição, implicou a deslocação da sede do lugar de Almuinha para o actual. De acordo com a memória local, este templo terá sido erigido por determinação de Egas Moniz, e será mesmo anterior ao Mosteiro de Santa Maria de Salzedas. Outra tradição popular conta que o templo foi levantado a partir de pedras provenientes de um velho castelo, muito provavelmente do tempo do rei D. Dinis. A fachada, maciça e sóbria, flanqueada por uma torre quadrangular, tem no centro um portal sem tympano de dupla arquivolta com imposta encordoada, sob um óculo. No portal Sul o tympano apresenta alguns vestígios de policromia, onde parece descortinar-se a figura de um cavaleiro. No interior, de três naves sem transepto divididas por três colunas de capitais, há boa imaginária barroca que representa santos populares: Nossa Senhora do Rosário, Santo António e S. Sebastião, e duas pias baptismais com restos de pintura.

### I Igreja de S. Miguel de Armamar (MN)

Praça da República  
Armamar  
**Horário**  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h00 às 18h00  
Aos Domingos  
das 14h30 às 18h00  
Encerra à Segunda-feira



Igreja matriz de Armamar. Fresta

No século XVIII, talvez por iniciativa do comendador, o conde de Val de Reis, a igreja sofreu grandes alterações no seu interior. Muito tempo depois, na década de 50 do século XX, a sua cabeceira foi restaurada pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

- Se pretende ir de Armamar para Barcos tome a EN 323. No caminho faça uma paragem no lugar de Marmelal. Se pretende seguir em direcção a Granja do Tedo, tome a EN 313, passando pelas povoações de S. Martinho das Chás e S. Cosmado. A primeira aldeia está classificada como Centro Rural, projecto que ajuda a dinamizar e melhorar a qualidade de vida das populações das zonas mais desertificadas.

## II S. Martinho das Chás - - S. Cosmado - Granja do Tedo (Itinerário Opcional)

**E**m S. Martinho das Chás, no Largo da Igreja, encontra-se uma igreja de raiz medieval de cujo recheio há a referir duas tábuas representando cenas da vida de S. Martinho, o púlpito e uma pia baptismal, provavelmente do século XVI.

Na vizinha freguesia de S. Cosmado, está sepultado Francisco Gomes Teixeira, o insígne matemático e professor universitário, que foi homenageado através de um busto colocado no exterior da igreja, próximo da Casa do Pátio. Quem visita Tabuaço tem obrigatoriamente de fazer uma paragem em Granja do Tedo, povoação incluída no projeto Aldeias de Portugal, que visa a valorização do património e a revitalização do potencial económico e social do meio rural. Esta é uma povoação que preserva a sua tipicidade, dividida entre Povo de Cima e Povo de Baixo, e servida por duas pontes: a do rio Tedo e a do rio Tedinho. Aqui, o visitante dispõe de uma agradável praia fluvial; na povoação, os artesãos mantêm a tradicional produção de cestos durienses.



S. Cosmado. Sepultura medieval



Granja do Tedo. Ponte

Francisco Gomes Teixeira nasceu em S. Cosmado a 28 de Janeiro de 1851, e veio a falecer no Porto a 8 de Fevereiro de 1933. Formou-se na Faculdade de Ciências de Coimbra em 1875, doutorou-se nesse ano começando a leccionar de imediato. Transcorridos oito anos passou a desempenhar o cargo de lente da Academia Politécnica do Porto, da qual se tornou director. Entre os anos de 1911 e 1918, foi reitor da Universidade do Porto, vindo depois a ser seu reitor honorário.

Também teve uma intervenção política no Partido Regenerador, pelo qual foi deputado entre 1879 e 1884. Foi fundador do *Jornal das Ciências Matemáticas e Astronómicas* e seu director até ao início da década de 20 do século XX.

Em Granja do Tedo deve-se visitar a Igreja Matriz e o Pelourinho, estrutura esta que recorda os tempos em que a terra foi cabeça do concelho. E deve ainda evocar-se a história do Cisma da Granja do Tedo (1840-1847) protagonizado por uma seita religiosa formada pelos Custódios e liderada por Maria Coroada, uma personagem bastante famosa também por ser mãe da não menos célebre figura



Granja do Tedo. Cesteiro

Do segundo casamento Maria das Neves Custódio ou como também era conhecida, Maria Coroada, teve três filhas: Maria da Trindade, Rosalina e Helena. A primeira delas nasceu em Quintela, Sernancelhe, mas foi viver para Granja do Tedo com tenra idade (1851). Vestia roupas masculinas e adoptou o nome de António das Neves.

E assim se manteve na escola e no trabalho à jorna no Douro e depois no comércio no Porto, cidade onde se veio a fixar. Viveu tranquilamente como homem, até que em 1879 o seu segredo foi descoberto, supostamente no dia em que a polícia portuense suspeitou da sua situação, pelo facto de não se fazer acompanhar de documentos militares. O caso foi entregue à justiça e todo o Porto ficou a saber a história da mulher/homem, cuja honestidade e dotes de trabalho eram abonados por todos os patrões a quem servira. Depois destes acontecimentos, sob o nome de Antónia Custódia das Neves, veio a casar-se com o filho de um antigo patrão. No entanto, a tragédia abater-se-ia sobre ela: Antónia Custódia das Neves, a antiga mulher/homem viria a ser uma das vítimas mortais do grande incêndio que destruiu o Teatro Baquet, no Porto, a 20 de Março de 1888.

da Mulher/Homem de Granja do Tedo. Estas práticas religiosas foram neutralizadas pelo administrador do antigo concelho de S. Cosmado, mas no Povo de Baixo preserva-se ainda uma velha habitação que o povo chama a Casa das Coroadas.

**► Seguidamente tome o caminho de Arcos.**

Nesta terra, para além da igreja de S. Silvestre, encontra uma casa com uma janela de decoração manuelina, na Rua de António Morte da Costa, enquadrada por casario tradicional, e uma outra casa com uma janela do mesmo estilo.

**► Antes de chegar a Tabuaço pare no Marmelal, em Pai Calvo, onde subsiste um conjunto de casas rurais, recentemente recuperadas para serem utilizadas como cenário de uma adaptação cinematográfica da Trilogia do Port Wine, de Alves Redol, um projecto que não chegou a ser concretizado.**

«Vila na descida d'uma serra de fragas escarpadas sobre o rio Távora»

D. Joaquim de Azevedo

## Tabuaço

Tabuaço conserva um valioso património histórico, bem representado pelo povoado fortificado da Citânia Longa, pelos quatro marcos graníticos e por um grande conjunto de pelourinhos (em Arcos, Chavães, Granja do Tedo, Sendim, Tabuaço e Valença do Douro). Porém, o seu núcleo patrimonial mais significativo é aquele que reúne a Igreja de Barcos, primitiva sede do concelho, o Santuário de Sabroso e a Igreja de S. Pedro de Águias. Este templo secular é, inegavelmente, o seu grande cartão de visita.

Daqui saíram personagens ilustres da cultura portuguesa, como o escritor Abel Botelho, natural de Tabuaço, nascido numa casa de pedraria lavrada na Travessa das Amendoeiras, no início da segunda metade do século XIX.

O concelho tem também para oferecer uma rica culinária tradicional onde não faltam os pratos de peixe do rio, o vinho maduro, os enchidos e, obviamente, produtos naturais como a uva de mesa e a castanha, frutos de uma terra fértil que é um dos principais elementos de uma deslumbrante paisagem natural.

**► Antes de chegar a Tabuaço tome a EN 226-2 para Barcos e para o Santuário da Senhora do Sabroso.**



Sendim. Pelourinho

### Abel Botelho

Abel Acácio de Almeida Botelho, militar, escritor e jornalista nasceu na freguesia de Sendim a 23 de Setembro de 1856. Entre 1867 e 1878 recebeu formação militar e ascendeu na carreira, vindo a atingir o posto de general. Com a implantação da República foi deputado, senador e Ministro dos Negócios Estrangeiros na Argentina.

Durante a sua actividade de jornalista colaborou nos seguintes periódicos: *O Dia, Ocidente* e *Ilustração*. Mas a sua faceta mais conhecida é a de escritor naturalista, tendo sido muito influenciado por Emile Zola e Camilo Castelo Branco. Em 1885 publicou o seu primeiro livro, *Lira Insubmissa*, seguido logo em 1898 pela edição de um livro de contos intitulado *Mulheres da Beira*. Em 1901 deu à estampa o romance *Amanhã*, uma das obras mais celebradas do autor por introduzir pela primeira vez na literatura portuguesa

o proletariado como personagem colectiva. Este livro é o terceiro de um conjunto de cinco obras que constituem a série *Patologia Social*, 1898-1910, que lhe granjeou a posição do mais característico representante do naturalismo ou realismo exagerado. Esta tendência literária encontra-se também presente na sua produção teatral em obras como *Jucunda*, de 1889, e *Claudina* de 1890.

Na localidade de Barcos, junto da igreja matriz, destacam-se a Casa da Colegiada, enquadrada pela casa dos Coutinhos e pela residência paroquial, e a Casa da Roda dos Expostos. A Casa da Colegiada, um edifício de dois pisos assente em afloramento rochoso e servido por uma escadaria de acesso ao andar nobre, foi, curiosamente, considerada por uma das autoridades da história da arte e arquitectura portuguesas como um *edifício românico de resistência muito tardia*, pelo aspecto robusto e medieval que mantém, apesar de ser da Época Moderna.

Nas proximidades de Barcos, na Mata da Forca, num declive, subsistem vestígios de construções que, diz o povo, pertenceram à força que deu o nome à mata. Além disso, conta uma lenda que um rego escavado na rocha, ainda hoje visível, era usado para escoar o sangue dos condenados que aí seriam supliciados.

**I**A igreja matriz de Barcos é posterior ao santuário de Nossa Senhora do Saboroso, a primitiva sede da paróquia, depois para ali transferida. O templo, de planta rectangular, apresenta exteriormente um portal de arco de volta perfeita com quatro colunelos contendo os habituais elementos decorativos próprios do estilo românico: motivos antropomórficos, zoomórficos, denticulados e meias esferas; ao longo da cornija correm linhas de modilhões e no portal Sul existe um nicho adossado.



Igreja matriz de Barcos. Portal lateral e nicho



Casa da Roda dos Expostos

### Igreja Matriz de Barcos (MN)

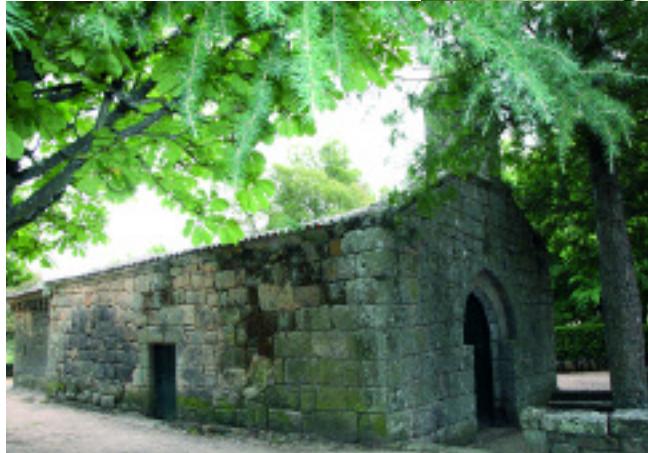
Barcos - Tabuaço  
Horário  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h00 às 18h00  
Aos Domingos  
das 14h30 às 18h30  
Encerra à Segunda-feira

Do recheio deste templo são dignos de referência uma arca tumular com uma pedra de armas e uma obra de talha de excelente valor artístico na capela-mor. Esta, por sua vez, denota tecto apainelado com vinte e oito caixões.

O terramoto de 1755, que destruiu grande parte da cidade de Lisboa, também produziu resultados nefastos nesta igreja duriense. Os estragos foram substanciais a ponto de terem motivado um restauro da cabeceira por volta de 1764, transformada ao gosto barroco, em moda nesta época.



Igreja do Santuário de Sabroso. Portal principal



Igreja do Santuário de Sabroso.

### I Santuário de Nossa Senhora de Sabroso

Barcos - Tabuaço  
Horário  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h00 às 18h00  
Aos Domingos  
das 14h30 às 18h30  
Encerra à Segunda-feira

Este santuário foi a original igreja de Barcos e antecedeu a construção da actual matriz, também ela românica. Este pequeno recinto foi edificado num ermo coberto por vegetação selvagem, e de onde se podem avistar dois tipos de paisagens contrastantes, uma duriense e outra beirã.

A fachada da capela tem no centro um portal simples de arco de volta perfeita. Em volta do edifício existe uma ca-chorrada ornada por boleados e motivos antropomórficos. Nos seus muros estão dispostas tampas sepulcrais com cruzes. Na nave, de pequenas proporções, desprovida de lajeado, estão colocadas lápides medievais e, no altar, subsiste um retábulo sem decoração. Uma lenda muito antiga estima que o Santuário de Nossa Senhora de Sabroso foi erigido pelos mouros e posteriormente cristianizado. Uma vez expulsos após a Reconquista, cantavam assim: Ó Sabroso, ó Sabroso/ Ó Sabroso da Mesquita/ Tanto ouro tanta prata/ Como no Sabroso fica.

► Vá ao encontro da EN 323 para a Granjinha.



Igreja de S. Pedro das Águias

Numa ravinosa vertente do rio Távora, voltada para uma escarpa rochosa, foi fundada no século XII a capela de S. Pedro das Águias. Ermida emblemática do Douro esteve em risco de se perder pela incúria dos homens. Todavia, acabou por ser completamente reconstruída na década de 40 do século XX, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, permanecendo como exemplo da presença cisterciense na região.

### I Igreja de S. Pedro das Águias (MN)

Junto da Fraga Amarela,  
sob o Távora  
Granjinha - Tabuaço  
Horário  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h00 às 18h00  
Aos Domingos  
das 14h30 às 18h30  
Encerra à Segunda-feira

Igreja de S. Pedro das Águias. Pormenor do trabalho escultórico





Igreja de S. Pedro das Águias. Portal lateral

Esta é uma igreja ímpar por ter sido ergida num local isolado e por ser depositária de um invulgar conjunto de ornamentação escultórica, bastante original no contexto do românico desta região. A sua construção neste local deverá estar relacionada com uma ocupação anterior, que parece estar comprovada pela existência de um antigo abrigo na rocha, certamente usado como eremitério.

A sua originalidade e mística também se prendem com o facto de a sua fundação estar intimamente ligada a uma lenda da Reconquista Cristã peninsular. Esta legenda gira em torno de dois cavaleiros de Entre Douro e Minho, D. Rosendo e D. Tedo, ou Tedon, que vieram fixar-se nesta região para combater os muçulmanos ocupantes desta vertente do Douro, e da figura da mourisca princesa Ardínia ou Ardinga. Esta, por amor ao casto D. Tedo, que a tradição refere como fundador da célebre família Távora, decidiu converter-se ao cristianismo, provocando a ira de seu pai, que castigou a sua insolência com a morte.

O primeiro documento régio sobre este mosteiro é uma carta de couto outorgada pelo conde D. Henrique, entretanto desaparecida, mas que aparece referenciada nas Inquirições de Afonso III.

### **Rebuçados de ovos de S. Pedro**

(Receita do Mosteiro de S. Pedro das Águias)

Em termos patrimoniais, o notável labor escultórico desta ermida incide sobretudo no portal lateral e na fachada voltada para o rochedo, de onde transparece uma evidente influência orientalizante. O pórtico secundário representa, no interior do tímpano, um *Agnus Dei* que, provavelmente por ter umas proporções desmesuradas, se encontra de patas flectidas. No fecho do arco há uma inscrição latina que avisa: *o Senhor dos Exércitos protege a entrada e a saída do templo*.

No portal principal a decoração é bem mais exuberante. Essa característica resulta da conjugação de diversos elementos zoomórficos e de uma preciosa cruz trepanada, no tímpano, simbolizando Cristo.

Nas margens do rio Távora, junto à EN 323, preservam-se alguns vestígios do “mosteiro novo” de S. Pedro das Águias (o claustro, parte do mosteiro e a igreja reconvertida em adega), que veio substituir o S. Pedro velho. Actualmente este aglomerado constitui o centro de uma importante exploração vitícola, que produz uma marca de vinho com o nome de “Quinta do Convento de S. Pedro de Águias”.

Temporariamente extinto no tempo do Marquês de Pombal, este mosteiro foi reaberto com D. Maria I. Mas não teria vida longa. Como tantos outros, foi definitivamente encerrado em 1834 com a extinção das ordens religiosas, decretada pelo governo liberal de Joaquim António de Aguiar. Deste cenóbio perduraram algumas receitas de doçaria tradicional, confeccionada pela população monástica.

► Continue pela EN 323, passe Paradela e estará em Sendim.



Sendim. Solar da família Gouveia Couraça

Impõe-se também uma paragem em Sendim. Nesta povoação, segundo afirma D. Fernando de Brito, existiam os chamados Castelos de Cabris ou os rochedos acastelados de Cabris, que a lenda diz terem sido refúgio e reduto de D. Tedo e D. Rosendo.

Uma vez em Sendim merece a pena visitar o Pelourinho, o solar da família Gouveia Couraça, junto da capela de S. Miguel no lugar do Paço, e o solar setecentista dos Guedes no cimo do povo, nas imediações da igreja. As origens desta casa remontam ao século XVI e diz-se que terá sido construída sobre os alicerces de uma mesquita. Na sua capela dedica-se grande devção às relíquias de S. Brás.

► Prossiga pela estrada municipal para Trevões, fazendo uma paragem em Paredes da Beira.

## II Paredes da Beira - Trevões (Itinerário Opcional I)

**A**ntes de entrar em Trevões, e iniciar o percurso pela vila de S. João da Pesqueira, o viajante deve dormir-se na freguesia de Paredes da Beira, terra de lendas e tradições, conhecida como a *cidade do sol cercado de sete castelos*.

Aqui encontrará, além da igreja de S. Bartolomeu, a Quinta de Azevedo com a capela setecentista dos Santos Mártires, onde estão depositados os túmulos de S. Pedro, S. Paulo e S. Félix, mártires da Guerra Santa em África, enviados pelo Papa Benedito ou Bento XIV. Nesta capela estão patentes igualmente interessantes ex-votos de madeira pintados, expressões de uma devoção popular marcante na mentalidade popular.

Testemunho da antiga importância administrativa da localidade, é o Pelourinho de Paredes da Beira, totalmente reconstruído em 1989.

Também é recompensador contemplar o Dólmen de Areite, um monumento megalítico de corredor recentemente restaurado. Conserva ainda a câmara e a laje superior e faz parte de um grupo de cinco *tumuli*, que testemunham o passado longínquo deste local.

► Para alcançar Trevões siga pela EM 504, uma estrada à face da qual encontrará o solar da família Caiado Ferrão.

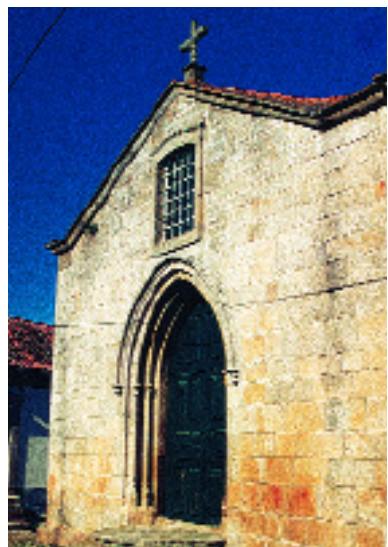


Igreja de Trevões. Cachorro

### Igreja de Santa Marinha de Trevões (MN)

Largo do Adro - Trevões -  
- S. João da Pesqueira  
**Horário**  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h30 às 18h00  
Aos Domingos  
das 14h30 às 18h30  
Encerra à Segunda-feira

■ A igreja medieval de Trevões, um dos ex-libris desta terra, sofreu profundas reformas no Período Moderno (séculos XVII e XVIII); contudo, ainda conserva vestígios da sua primitiva fundação: as suas espessas paredes, o pórtico, canharia siglada, vestígios de policromia e algumas peças de arte sacra.



Igreja de Trevões. Portal principal

No extremo direito da frontaria encontramos a torre sineira edificada pelo bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira, que nesta terra mandou erigir o Palácio Episcopal. Em redor da igreja corre uma cachorrada figurativa e vegetalista. A nave única da igreja, lajeada e coberta por caixotões decorados por motivos barrocos e com as armas episcopais, conserva altares de

boa talha, como o da Santíssima Trindade que se diz conter o sepulcro de S. Francisco Xavier, uma pia baptismal com estriadas e meias esferas, e a capela dos Melos datada de 1632. O coro está assente em duas pias baptismais. O arco cruzeiro, de colunelos esculpidos, tem dois altares de talha com imaginária e nos vãos há vestígios de policromia, que também aparece por trás da cabeceira, local onde estará retratado o episódio bíblico da Ascensão da Virgem.

Esta igreja encontra-se implantada numa praça de arquitetura erudita, na qual sobressai o já referido antigo Palácio Episcopal, obra patrocinada pelo bispo D. Manuel de Vasconcelos Pereira. Ali bem perto encontra-se o monumental solar barroco da família Caiado Ferrão, na EM504, onde trabalhou o pintor coimbrão de renome Pascoal Parente, autor das pinturas da capela privada da casa. É quase certo que este mestre tenha sido o autor de uma intervenção artística na igreja matriz.

Ainda em Trevões há uma fonte medieval, a Fonte de Santo António, localizada junto da capela do mesmo nome, e algumas sepulturas escavadas na rocha. Aconselha-se ainda uma visita ao Museu Paroquial onde, entre muitas outras peças de valor, se guarda uma *cupae* de granito, monumento funerário da época romana.



S. João da Pesqueira. Torre do Relógio

## S. João da Pesqueira

**A** carta de foral outorgada à Pesqueira por Fernando Magno, em pleno período da Reconquista, é considerada o primeiro documento do género no futuro território português, facto que comprova a antiguidade da terra. Por isso mesmo, o concelho de S. João da Pesqueira foi organizado, muito provavelmente, em época anterior à formação Portugal enquanto nação independente.

De facto, o foral velho de S. João da Pesqueira é reconhecido como um dos mais antigos ou até o mais antigo do país. D. Fernando, o Magno, rei de Leão, terá concedido a primeira versão deste documento entre 1055 e 1065. Durante muito tempo este documento regulou a vida socio-económica do concelho, sendo confirmado pelo bisneta do seu primeiro outorgante, D. Afonso Henriques, entre os anos de 1167 e de 1175.



S. João da Pesqueira. Casa do Cabo

O núcleo populacional inicial terá partido de uma pôvoa ou *pobra* de pescadores, que não coincide com a actual localização da vila. Diz-se que este primeiro assentamento surgiu nas proximidades de uma pesqueira no Douro, de onde advém o seu nome. De resto, as pesqueiras continuarão a ser uma riqueza desta região e delas dá conta o foral manuelino de 1 de Junho de 1510, referindo-se, por exemplo, a uma pesqueira grande que chamam a Pena.

Efectivamente, a actividade económica da pesca, tão importante para esta região, está bem presente na sua tradição religiosa. Em Soutelo do Douro (EN 222), na Igreja da Senhora da Nassa, existe uma curiosa representação da santa padroeira, que segundo a tradição foi recolhida do rio nas redes (ou *nassas*) dos pescadores, num dia de trovoada. É grande a devoção a esta santa. Entre as variadas ofertas que lhe são feitas, des tacam-se os vestidos das noivas da freguesia, readaptados para elas poder usar.

**Seguidamente deverá tomar a EN 222 que o levará ao centro urbano de S. João da Pesqueira. Aqui encontrará a matriz e o centro histórico na Praça da República, nas traseiras do qual se encontra a antiga Judiaria.**



Soutelo do Douro. Igreja de Nossa Senhora da Nassa



Igreja matriz de S. João da Pesqueira. Fachada

### Igreja matriz de S. João da Pesqueira

A Igreja Matriz de S. João da Pesqueira foi erigida no século XIV. É um templo de sabor medieval que, com o passar dos séculos, foi perdendo alguma da sua traça original. Nos dias de hoje é ainda possível, no entanto, vislumbrar algo do tempo da sua primitiva edificação se atentarmos ao portal principal de arco ogival. O remate da fachada, feito através de uma sineira de dupla ventana, parece ser obra posterior à sua fundação. No interior da igreja há um bom retábulo-mor barroco colocado na cabeceira. A cobertura do tecto é seiscentista.

Na Rua General Ramalho Eanes, bastante próxima da matriz, é obrigatória a passagem pela Casa do Cabo, um solar setecentista com um jardim de tipo francês, que apresenta um vocabulário arquitectónico filiado em Nicolau Nasóni. O solar pertenceu aos Sande de Castro, mas nos nossos dias foi convertido em Tribunal da Comarca.

À saída da Pesqueira, junto da EN 222-3, podem avistar-se as ruínas do antigo convento de S. Francisco, cuja quinta foi transformada em casa de lavoura. Diz a tradição que por ele terá passado o Marquês de Pombal, que frequentou as aulas conventuais aqui em S. João da Pesqueira. Pode apreciar-se também a Casa do Sidrô, um solar do século XIX que foi do primeiro marquês de Soveral, hoje pertencente à Real Companhia Velha.

Avenida Marquês de Soveral - S. João da Pesqueira  
**Horário**  
das 10h00 às 13h30  
e das 14h00 às 18h00  
Aos Domingos  
das 14h30 às 18h30  
Encerra à Segunda-feira

Na Praça da República, um espaço preenchido por edifícios de bela arquitectura, além do Arco da Porta do Castelo e da Torre do Relógio, evidenciam-se a Casa dos Távoras e a Capela da Misericórdia, bem como os Antigos Paços do Concelho, uma construção de 1794, portanto do tempo de D. Maria, no qual funciona o Museu Municipal, que tutela um valioso espólio arqueológico.



Praça da República

#### ■ Arco e Porta do Castelo e Torre do Relógio

Praça da República  
S. João da Pesqueira  
Aberto todo o ano  
Visita exterior

■ Nesta harmoniosa praça, bem no coração urbano da cidade de S. João da Pesqueira, conserva-se um arco trecentista de formato ogival, que corresponderia ao portal ou ao que restou da cerca do castelo medieval da povoação da Pesqueira. Sobre este arco assenta a torre da capela da Misericórdia, no passado pertencente ao solar setecentista dos Távoras, e um nicho com uma escultura de Nossa Senhora, datada de 1632. Essa família nobre, uma das mais poderosas do Reino e conhecida de todos pela feroz perseguição que lhe foi movida por Pombal, foi uma das mais destacadas desta região, por onde detinha poderosos domínios e influência. Os seus costados remontam a Ramiro II de Leão, o bisavô de D. Rosendo Hermiges de quem descendeu D. Tedo Rosendes e D. Ramiro Teodónis,

os cavaleiros cristãos elevados a heróis da Reconquista e dos quais já aqui se fez uma invocação. Luís Álvares de Távora, o célebre Balio de Leça, homem de confiança de Filipe II e Filipe III, foi o primeiro conde de S. João da Pesqueira, recebendo esse título em 1611 em razão dos serviços prestados ao exército e armada luso-castelhanos. Em 1665 o regente D. Pedro, futuro D. Pedro II, concedeu o título de Marquês de Távora ao seu descendente e homônimo D. Luís Álvares de Távora.

No prolongamento deste conjunto arquitectónico surge uma arcada que encerra com a Torre do Relógio, uma construção quadrangular com uma decoração em tudo semelhante à da casa da Câmara.

No passado, o sino da Torre da Câmara, torre que também já teve função de cadeia, era usado para chamar os vereadores, dar início às rondas e sinalizar o recolher (como então se dizia, "tocava o sino de correr"). Na arcada tinham lugar as animadas e concorridas feiras regionais.

■ Nas traseiras da magnífica Praça da República, restaurada no final da década de noventa, subsiste um conjunto habitacional outrora pertencente a uma judaria. No local da antiga e poderosa comunidade judaica subsistem casas de xisto, distribuídas por um estreito e acanhado arruamento que imediatamente evoca as irregulares ruas das cidades medievais.

Este "povo itinerante, em constante peregrinação pelo mundo", como o descreve Leite de Vasconcelos, desde o início da nacionalidade teve diversas comunidades espalhadas um pouco por todo o país. A Pesqueira não foi uma exceção e também recebeu uma colectividade hebraica, que aqui se terá fixado, na área da actual Rua dos Gatos.

#### ■ Antiga Judiaria

Rua dos Gatos  
S. João da Pesqueira  
Está aberta todo o ano  
Visita exterior



S. João da Pesqueira. Rua dos Gatos

A presença de Judeus na Pesqueira está documentada, pelo menos para o reinado de D. João II (1481-1495), onde aparece citada entre as outras judiarias do reino. Bem perto de S. João da Pesqueira, em Lamego e em Salzedas, a presença judaica foi bastante forte. E, embora não fosse comparável às judiarias do Porto e de Lisboa, com as quais, aliás, mantinha estreitos contactos, a sua proximidade com outras judiarias beirãs, transmontanas e castelhanas, fazia dela uma das mais estratégicas.

Antes do século XIV, as comunidades judaicas habitualmente instalavam-se em bairros, bem próximos da população cristã. Alguns dos seus habitantes desempenhavam relevantes actividades, como as de comerciantes, médicos ou usurários, que os tornavam úteis à comunidade cristã e ao rei que deles recebia uma boa parte dos rendimentos que engrossavam a fazenda pública. Apesar da proximidade entre estas duas populações, as barreiras religiosas não permitiam uma maior miscigenação destes dois povos.

Durante a Idade Média e, sobretudo, a partir do século XVI, judeus e cristãos-novos (isto é, antigos judeus convertidos ao cristianismo desde o fim do século XV) tiveram um importante papel na dinamização económica do Douro. Sobretudo durante a Época Moderna interessaram-se pela produção vinícola e, tirando partido da teia de relações familiares em diversos centros, desenvolveram amplas redes de comércio, solidificando a ligação entre esta região e a cidade do Porto, centro escoador natural de toda a região Norte.

- Parta em direcção ao Santuário de S. Salvador do Mundo, seguindo a EM 1121. Se seguir a EN 222 vai a Vilarouco, onde encontra uma fonte de mergulho medieval sobre um murete de xisto, composta por uma arcada sob cornija, onde assenta o escudo e as quinas de Portugal.



## Santuário de São Salvador do Mundo (Itinerário Opcional II)

No monte da Fraga deparamo-nos com um dos principais atractivos turísticos da região da Pesqueira: o Santuário de S. Salvador do Mundo. Trata-se de um conjunto de nove ermidas patrocinadas por Gaspar da Piedade, que iniciou a construção deste santuário, após a concessão de uma licença do Papa Clemente VIII, como forma de agradecer a salvação da sua vidaposta em perigo num naufrágio ao largo da ilha de Rodes. Outro naufrágio célebre, mas mais funesto e marcante na história do rio Douro, foi o que vitimou o primeiro Barão de Forrester, Joseph James Forrester. Nas palavras de um dos seus biógrafos, este súbdito da coroa britânica foi “um artista curioso, um escritor incansável, um negociante inteligente, um agricultor activo” apaixonado pelo Douro, sentimento que perpetuou no mais célebre mapa que alguma vez se produziu sobre o rio. Sobre esse “rio de mau navegar” onde viria a perder a vida quando o barco proveniente da Quinta do Vesúvio, de D. Antónia, se perdeu no perigoso Cachão da Valeira, a 12 de Maio de 1861. A esta tragédia sobreviveram D. Antónia Adelaide Ferreira, a Ferreirinha, e o proprietário Francisco Torres. Com o barão pereceram igualmente a cozinheira Gertrudes, a única vítima que o cáustico Camilo Castelo Branco verdadeiramente lamentou, e um criado de Torres.



S. João da Pesqueira. Barragem da Valeira



Capelas do Santuário de  
S. Salvador do Mundo

De S. Salvador do Mundo, feito miradouro, avistava-se o temível cachão. Essa fraga de grandes dimensões que cortava o rio. Eram sete metros de quedas de água, de correntes traçoeiras, de redemoinhos, de medos. Já no tempo dos Romanos o geógrafo Estrabão considerava-o o ponto de partida da navegação das barcas para o Porto. Para cima dele, outro rio. Outro rio que ligava as comunidades portuguesas a Castela e a alguns dos grandes centros económicos da Península.

Desde sempre o Homem tentou eliminar este obstáculo natural e estabelecer a naveabilidade do Douro sem interrupções. Em 1531 Rui Fernandes descreve as primeiras iniciativas de destruição do fraguedo, por Martins de Figueiredo, "com fogo de vinagre". Mas coube à Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, sob patrocínio de D. Maria, a remoção do Cachão da Valeira. O padre António Manuel Camelo e o engenheiro sardo José Maria Yola encarregaram-se de o fazer, concluindo a tarefa em 1792.

Ainda hoje se pode ler, na parede da margem, a inscrição comemorativa da “abertura” do rio, que reproduz a original, que se encontra submersa pelas águas do Douro, alteadas pela barragem aí existente.

Mas fique mais uma derradeira nota a propósito de S. Salvador do Mundo. Os romeiros ou visitantes do santuário ainda hoje perpetuam o velho costume de dar nós nas numerosas giestas espalhadas ao longo do caminho que sobe por este monte. É a tradição casamenteira do lugar: dar um nó nas giestas é garantia de casamento, de feliz enlace, nesse mesmo ano. Este uso poderá ter tido origem num hábito do promotor do santuário, uma vez que Frei Gaspar da Piedade ao passear pelo promontório costumava fazer cruzes nas hastes das giestas.

[SPB]